

TORQUATO

O nome Torquato é latino (Torquatus) e significa “aquele que usa um colar”, alguém que usa o adorno. É o nome de nº 3.144 mais usado no Brasil, segundo o IBGE. Em Franca, é um nome famoso por conta do “Escola Estadual de Educação Torquato Caleiro” – EETC (ou apenas IETC, como nós alunos do ex-Instituto o chamamos), um dos mais antigos da cidade, mas pouco utilizado para batizar jovens, não conheço ninguém com esse nome. Gosto muito das músicas de outro Torquato, o tropicalista Torquato Neto, poeta, compositor, jornalista e cineasta piauiense que se tornou uma figura central da contracultura brasileira nos anos 1960. Nascido em Teresina em 1944, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou um dos líderes do movimento tropicalista. Sofrendo de depressão e alcoolismo, suicidou em 1972, sua ausência foi immortalizada na belíssima canção “Cajuína” de Caetano Veloso.

Voltemos ao Torquato Caleiro. Estudei no IETC durante o antigo ginásio e o científico, foram anos incríveis de formação, por isso essa sigla está sempre presente em muitos textos meus. Mas quem foi Torquato Caleiro? Filho do fazendeiro Simão Caleiro, Torquato nasceu em Franca em 1873 e chegou a iniciar estudos de engenharia na Bélgica, mas não chegou a se formar, pois com a morte do pai retornou para assumir os negócios da família. Seu irmão foi o poderoso Hygino Caleiro, que criou um império comercial em Franca cujo filho do mesmo nome expandiu-o tanto que chegou a possuir um banco.

Após o retorno da Europa, Torquato envolveu-se em diversas atividades na cidade, como seu constante apoio à cultura e à educação como diretor do Gabinete de Leitura que criou e diversas atividades beneficentes como provedor da Santa Casa da Misericórdia. Foi eleito vereador em 1922 e prefeito em 1926, acho que foi o último da República Velha. Durante sua gestão como prefeito, iniciou o projeto da Escola Normal Livre de Franca (1928) voltada para a formação de professores, que mais tarde se tornaria o Instituto de Educação Estadual Torquato Caleiro em sua homenagem, pavimentou ruas centrais com paralelepípedos, construiu o coreto da Praça central e o mercado municipal. Nada disso restou.

No entanto, foi com surpresa que encontramos, ao catalogar o acervo do Laboratório das Artes para ser doado à UNESP, duas esquecidas caricaturas grandes, bem desenhadas por um profissional do desenho que não conseguimos identificar ainda, uma do Torquato Caleiro, outro de sua filha Maria de Lourdes Caleiro Vilela, que viveu até falecer na bela casa que ele construiu à Rua Major Claudiano nos anos 1910, demolida para ser erguida em seu lugar uma loja de arquitetura horrorosa. Essa casa está immortalizada numa belíssima pintura de Ivo Indiano e nalgumas fotos de grande qualidade tiradas à época de sua construção, que mostram o esplendor da rua que abrigava a elite cafeeira local, hoje totalmente desfigurada com a demolição dos antigos casarões.

Bem que tentamos preservar os casarões no início dos anos 1980, logo após a criação do Condephat municipal, mas a eterna visão míope de nossa elite política e econômica sobre a preservação histórica local impediu, o conselho foi suspenso sem poder continuar suas atividades com uma penada do então prefeito Maurício Sandoval (PDS) a pedido dos proprietários dos casarões, só voltando a funcionar em 1997 durante o governo de Gilmar Dominici (PT), quando ocorreram os primeiros tombamentos. Mas isso já é história, uma longa história com mais de 200 anos. O fato é que de Torquato Caleiro restaram poucas lembranças na cidade: o nome da escola, uma rua da Vila Nicácio e esse bonito desenho feito cem anos atrás.

Mauro Ferreira é arquiteto